

ALICE FERREIRA CARVALHO DINIZ  
ANA LUIZA SCHORR TODT  
EMMILY LOHANA DA COSTA E SILVA  
ÉRICA MARCARINI DE MAÇANEIRO  
ISABELLA MAXIMO FAGUNDES  
NICOLAS DE OLIVEIRA CHAVES  
NICOLAS PYETRO KEUNECKE

**A MEDIAÇÃO RECEBIDA PELOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO  
USO DO *TIKTOK***

ALICE FERREIRA CARVALHO DINIZ  
ANA LUIZA SCHORR TODT  
EMMILY LOHANA DA COSTA E SILVA  
ÉRICA MARCARINI DE MAÇANEIRO  
ISABELLA MAXIMO FAGUNDES  
NICOLAS DE OLIVEIRA CHAVES  
NICOLAS PYETRO KEUNECKE

**A MEDIAÇÃO RECEBIDA PELOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO  
USO DO *TIKTOK***

Relatório final do projeto de pesquisa desenvolvido no Programa Conectando Saberes do Curso Técnico em Química do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul – Centro, tem como requisito avaliar pesquisa e desenvolvimento em Metodologia da Pesquisa dativa de conhecimentos e preparação ao programa Conectando Saberes.

Orientador: Prof. Dr. Josué Jorge Cruz

## RESUMO

O presente estudo tem como tema a análise da mediação recebida pelos adolescentes do primeiro ano do Ensino Médio na região de Jaraguá do Sul, no contexto do uso de redes de vídeos curtos (*TikTok*). O objetivo principal é investigar o tipo de mediação oferecida a esses adolescentes em relação ao uso de vídeos curtos, a fim de compreender os seus efeitos no comportamento e consumo de conteúdo digital. A metodologia adotada para a coleta de dados envolveu a aplicação de um questionário em cinco escolas da rede estadual e uma da rede privada da cidade de Jaraguá do Sul, bem como duas turmas da primeira fase dos Cursos Técnicos Integrados em Química e Modelagem do Vestuário no semestre de 2024.2. Os resultados dos 147 respondentes indicam que, apesar do uso generalizado do *TikTok* entre os adolescentes, a maior parte não recebeu mediação adequada quanto ao uso da plataforma. Observou-se também que, quando houve mediação, esta foi predominantemente feita por amigos ou pela própria plataforma, e não pelos pais. Os resultados sugerem ainda que a mediação familiar, quando presente, é mais focada no controle do tempo de uso, mas sem uma supervisão efetiva sobre o conteúdo consumido. Isso pode acarretar, segundo Haidt (2024), em graves consequências, como privação do sono, do convívio em sociedade, atenção fragmentada e vício. Segundo o autor, certas medidas devem ser tomadas como mediação possível e necessária para amenizar tais efeitos. Entre elas, destaca-se a proibição do uso dos celulares nas escolas, criação de leis para alterar e controlar as decisões de design das plataformas e os governos devem parar de punir os pais por darem liberdade aos seus filhos, melhorando e esclarecendo as leis de negligência (Haidt, 2024).

Palavras-chave: Mediação. TikTok. Adolescência. Efeitos da exposição.

## ABSTRACT

This study focuses on the analysis of the mediation received by first-year high school students in the Jaraguá do Sul region, regarding their use of short video platforms, particularly TikTok. The main objective is to investigate the type of mediation provided to these adolescents in relation to their use of TikTok in order to understand the effects of such mediation on their behavior and digital content consumption. The methodology employed for data collection involved the application of questionnaires in five public and one private school within the city, as well as two classes of the first phases of the Integrated Technical Courses in Chemistry and Clothing Modeling in the semester of 2024.2. Preliminary results given by the 147 respondents indicate that, despite the widespread use of TikTok among adolescents, most of them did not receive adequate guidance on the platform's use. It was also observed that when mediation did occur, it was predominantly provided by friends or the platform itself, rather than by the parents. The results suggest that when parental mediation is present, it tends to focus primarily on limiting screen time, without effectively supervising the content consumed. According to Haidt (2024), this leads to severe consequences, such as social and sleep deprivation, fragmented attention and addiction. According to the author, certain measures must be taken as possible and necessary mediation to mitigate such effects. Among them, the most important are the prohibition of the use of cell phones in schools, the creation of laws to change and control the design decisions of platforms, and governments must stop punishing parents for giving freedom to their children, improving and clarifying neglect laws (Haidt, 2024).

Keywords: Mediation. TikTok. Adolescence. Effects of exposure.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>6</b>
2.1 ADOLESCÊNCIA.....	6
2.2 MEDIAÇÃO.....	9
2.3 TIKTOK.....	13
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>15</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	15
4.2 UTILIZAÇÃO DO TIKTOK.....	17
4.3 MEDIAÇÃO RECEBIDA.....	21
4.4 MEDIAÇÃO POSSÍVEL DO USO DO TIKTOK E DO CELULAR.....	22
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema - a mediação recebida pelos adolescentes em relação ao uso do *TikTok* - e intenta descobrir o tipo de mediação que adolescentes do primeiro ano do Ensino Médio na região de Jaraguá do Sul, em escolas da rede estadual e privada, vem recebendo em termos do uso de redes sociais de vídeos curtos.

Segundo o Comitê Gestor de Internet do Brasil, 78% dos usuários entre 9 e 17 anos já acessaram alguma rede social em 2021. Além disso, o *TikTok* é a rede mais usada dentre as presentes no mundo virtual; em 2022, 34% dos entrevistados o apontaram como a mais utilizada (Machado, 2023). É nesse sentido que a escolha do tema se justifica, tendo em vista o crescente uso das redes sociais de vídeos curtos e sua relevância na atualidade.

Entretanto, esse uso frequente e contínuo da rede pode estar atrelado a uma questão: a falta ou o tipo de mediação recebida pelos seus usuários. Com isso, encontra-se o seguinte problema de pesquisa: que tipo de mediação os adolescentes do primeiro ano do Ensino Médio da rede de ensino de Jaraguá do Sul receberam/recebem em relação ao uso do *TikTok*?

Para entender e aprofundar a questão da mediação, é necessário elaborar algumas respostas provisórias, que são analisadas e confirmadas (ou não) a partir dos resultados da coleta de dados. Por isso, foram construídas quatro hipóteses: - os estudantes, em sua maioria, não recebem a mediação necessária para acessar redes sociais, como o *TikTok*; - os estudantes que recebem maior mediação em relação ao uso do *TikTok* sofrem menos com as consequências geradas pela rede; - os estudantes não têm uma mediação adequada da família, pois os próprios familiares não entendem a necessidade, já que também não foram mediados em relação ao seu uso; - há adolescentes que sofrem um controle parental extremo em relação ao uso das redes, privando-os não só da interação nas redes sociais, mas também do desenvolvimento de sua autonomia.

Entende-se como controle parental extremo o tipo de mediação que restringe severamente o acesso de crianças e adolescentes à conteúdos e ferramentas

digitais, onde não há uma escuta ativa entre o mediador e o mediado, o que desvalida os interesses do adolescente, só impondo regras.

Após o desenvolvimento foram abordados os objetivos que norteiam a pesquisa. Desse modo, o objetivo geral consiste em investigar a mediação recebida pelos adolescentes do Ensino Médio da rede de ensino da cidade de Jaraguá do Sul, sobre o uso do *TikTok*. Para isso, buscou-se compreender qual seria a mediação ideal que os adolescentes deveriam receber ao ingressar no *TikTok*. Além disso, analisou-se a mediação que os adolescentes de fato receberam sobre às mídias sociais, principalmente o *TikTok*, para então discutir quais os problemas do tipo de mediação que os adolescentes receberam ao longo de sua vida em relação ao uso do *TikTok*, o que permitiu investigar os efeitos do acesso a esses vídeos curtos nos jovens.

Com uma abordagem qualitativa e a partir da aplicação de um questionário com estudantes do Ensino Médio da rede estadual e privada, notou-se que 93,5% dos respondentes não recebem mediação intencional em relação ao uso do *TikTok* por pais ou pela escola. Os resultados indicam que a mediação familiar, quando presente, tende a se concentrar no controle do tempo de uso, sem haver uma supervisão efetiva sobre o conteúdo consumido. Segundo Haidt (2024), isso pode gerar graves consequências, como privação do sono, privação social, atenção fragmentada e o vício.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 ADOLESCÊNCIA**

Para iniciar esta discussão, pode-se questionar sobre o que, de fato, é a adolescência. Segundo Brasil (1990): “Considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa de até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Na visão de Bock (2007), deve-se analisar a adolescência do ponto de vista sócio-histórico, a fim de entender como se construiu historicamente esse período do desenvolvimento, e não se apoiar no conceito em si, pois o período é influenciado e sofre variações devido a fatores socioeconômicos e

culturais, já que, por exemplo, ser o adolescente no Brasil não é o mesmo que ser adolescente na China.

Corroborando com a ideia de Bock, Outeiral (2003) trata a adolescência como um fenômeno psicológico e social, já que gera diferentes peculiaridades conforme as condições sociais, econômicas e culturais em que o adolescente vive, caracterizando-se, assim, como um processo psicossocial, diferenciando esta da puberdade que, segundo ele, trata-se de um processo biológico que perpassa desde os 9 aos 14 anos aproximadamente, e se caracteriza pelo início da produção hormonal. Outeiral (2003) ainda afirma que, durante os seus 30 anos de trabalho, vem observando crianças se tornando adolescentes cada vez mais cedo, mesmo antes de terem passado pela puberdade.

Bock afirma que (2007, p. 68):

A adolescência é vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência enquanto fenômeno social, mas o fato de existirem enquanto marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural.

Osório (1989) busca explicar alguns conceitos sobre a adolescência, abordando temas como: "O que é a adolescência, afinal?" e "O adolescente, família e sociedade". O autor explica que a adolescência é uma etapa evolutiva do ser humano, e é nela que acontece o amadurecimento biopsicossocial da pessoa. Nas últimas décadas a adolescência está sendo considerada uma etapa muito importante no desenvolvimento do indivíduo, onde se desenvolve seu corpo adulto e modula sua personalidade. Nessa etapa, também se percebe que a sociologia é uma psicologia peculiar, tanto que as grandes mudanças culturais na história ocorreram entre a adolescência e a idade adulta. Durante a adolescência, também é necessário adquirir uma identidade própria, o que é chamado de crise de identidade, além também de desenvolver sua identidade sexual, que seriam suas características mentais do sexo, percebendo a qual gênero sexual pertence (Osorio, 1989).

As transformações corporais constituem um fator importante na adolescência, principalmente no início dela, em que o adolescente vive a mudança de seu corpo infantil e o desenvolvimento do seu corpo adulto (Outeiral, 2003).

Outeiral (2003), além disso, divide a adolescência em três fases principais, estas que podem sofrer variações de pessoa pra pessoa, mas de forma geral podem ser classificadas como: 1- Adolescência Inicial: ocorre dos 10 aos 14 anos e é caracterizada basicamente, pelas transformações corporais e as alterações psicológicas decorrentes destas. 2- Adolescência Média: perpassa os 14 aos 17 anos, e se caracteriza pelo processo da formação da sexualidade do indivíduo. 3- Adolescência Final: possui vários elementos importantes, como o estabelecimento de novos vínculos com os pais, a entrada no mundo profissional, a aceitação do "novo corpo" e do mundo adulto.

Segundo Bock (2007), a sociedade moderna sofreu grandes influências devido às revoluções industriais, em que o trabalho se sofisticou e se modernizou, exigindo uma mão de obra mais qualificada, aumentando assim o período escolar e qualificante. A partir dos estudos de Clímaco (1991), Bock (2007) elabora a hipótese de que os jovens possuem todas as condições cognitivas, afetivas e fisiológicas para ingressarem no mundo adulto. Mas os adultos não permitem isto, fazendo com que os jovens fiquem cada vez mais longe do mundo do trabalho e da possibilidade de obter autonomia e condições de sustento.

Bock (2007, p. 69) ainda com base nos estudos de Clímaco (1991) afirma que:

A moratória na qual se encontram os jovens não é um período necessário do seu desenvolvimento e sim, um período no qual o mundo adulto considerou necessário colocar seus jovens para poderem, os adultos, estar mais tempo no mercado de trabalho e, os jovens mais bem preparados para responderem às exigências do novo mundo do trabalho tecnológico.

Além disso, também é explicado o dilema existencial de um jovem, que é como desenvolver-se e arquitetar seu futuro numa sociedade que se autodegrada, a fim de sua sobrevivência, mostrando como uma pessoa tem que se moldar, às vezes até deixar de ser quem ela realmente é para conseguir viver em sociedade (Osório, 1989).

Segundo Bock (2007), a relação entre pais e filhos é conflituosa; os jovens querem se libertar da jurisdição dos pais, e estes não querem perder o controle dos filhos. Os critérios, gostos, vontades e regras são todos diferentes, tudo é apresentado como diferença. Nessa relação entre pais e filhos, os pais devem ser

tolerantes e amorosos, porém devem impor certa autoridade. Os jovens devem ser aceitos, tolerados e compreendidos, e a autoridade do adulto serve para dar segurança e amor.

Osorio (1989, p. 24) destaca que o contexto familiar, na medida em que o indivíduo amadurece, é necessário para entender que a família não existe para suprir suas necessidades e desejos, mas sim que a família é uma “realidade vivencial compartilhada por todos em relações de reciprocidade e mutualidade”.

Diante dessas discussões, pode-se afirmar que a adolescência é um fenômeno que ocorre entre os doze e dezoito anos de idade, que varia de acordo com os aspectos socioeconômicos e culturais. Também afirma-se que é uma etapa de extrema importância na evolução do ser humano, em que há mudanças tanto corporais como psicológicas, nas quais ocorre a moldura de sua própria personalidade.

## 2.2 MEDIAÇÃO

Existem diversos significados para a palavra mediação. Ela pode variar de acordo com a sua área de aplicação. Segundo Almeida e Malheiro (2020), mediação vem da palavra intervenção, sendo definida como ação ou ato de mediar/auxiliar como intermediário entre pessoas ou grupos.

Com os avanços tecnológicos, a paternidade tornou-se uma tarefa constante e exigente, enquanto as crianças, afastadas dos espaços públicos, passaram a utilizar a internet como principal meio de lazer e socialização (Lim, 2016; Boyd; Hargittai, 2013, *apud* Castro, 2021).

Segundo Livingstone e Helsper (2008, *apud* Schwartz; Pacheco, 2021), atualmente é comum que haja conflitos entre pais e filhos, pois os responsáveis estão preocupados com os possíveis impactos negativos da internet na segurança e no comportamento dos filhos. Salienta-se que o emprego de estratégias parentais para vigiar e supervisionar o uso da internet pelos filhos pode ajudar a diminuir comportamentos de risco online. No entanto, a eficácia dessas estratégias geralmente varia, dependendo de fatores como a idade do adolescente e a

qualidade da relação entre pais e filhos (Livingstone; Helsper, 2008, *apud* Schwartz; Pacheco, 2021).

Quanto à mediação parental, algumas crianças têm uma postura ativa para contornar o controle parental, já outras aceitam as restrições impostas. A falta de confiança entre pais e filhos pode levar a criança a buscar plataformas menos familiares para escapar da supervisão dos adultos e construir uma própria identidade virtual sem censura (Ponte, 2017; Livingstone, 2012 *apud* Castro, 2021).

Wong (2010, *apud* Schwartz; Pacheco, 2021) afirma que a eficácia da mediação tem um impacto maior quando os responsáveis possuem certo nível de conhecimento digital. Isso ocorre porque pais mais familiarizados com as tecnologias digitais são capazes de compreender melhor os riscos e as oportunidades que a internet oferece, permitindo-lhes orientar seus filhos de maneira mais eficaz. Além disso, esses pais podem estabelecer regras e limites mais realistas e apropriados, além de serem mais aptos a identificar sinais de problemas potenciais, como o cyberbullying ou o acesso a conteúdo inadequado.

Diversas maneiras têm sido usadas para investigar as formas como os pais lidam com os filhos (Holden, 2010, *apud* Schwartz; Pacheco, 2021). Uma pesquisa realizada com 1.400 crianças, adolescentes e pais, aponta que 64% dos entrevistados utilizam a internet no próprio quarto, com total privacidade. Além disso, 87% afirmam não possuir nenhum tipo de restrição quanto ao uso da internet (Schwartz; Pacheco, 2021).

Preocupações parentais como o tempo excessivo de tela, relacionamentos virtuais e violências *online* desencadearam a formação de estratégias para auxiliar na mediação. A comunicação frequente e transparente entre pais e filhos é essencial para criar um ambiente de confiança, no qual os adolescentes se sintam à vontade para compartilhar suas preocupações e desafios encontrados no mundo digital.

Schwartz e Pacheco (2021) concluíram que a maneira como os pais interagem com seus filhos pode influenciar tanto como um fator de risco quanto de proteção no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Diante disso, surge a questão: como os pais podem, de forma saudável, mediar a relação dos filhos com a internet e as redes sociais?

Para responder esta pergunta, o grupo encontrou duas bases teóricas diferentes. A primeira, a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural e o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada, por Reuven Feuerstein (1999 *apud* Almeida; Malheiro, 2020), afirma que existem doze critérios para a aprendizagem mediada, sendo os três principais: intencionalidade e reciprocidade, transcendência e mediação do significado.

A intencionalidade e a reciprocidade diz que o mediador deve agir intencionalmente ao ensinar e garantir que os ensinamentos estão sendo aprendidos, com um propósito claro, e buscar uma interação recíproca, em que o aprendiz se envolve ativamente no processo. Para isso, é necessário que o mediado queira aprender (Reuven Feuerstein, 1999 *apud* Almeida; Malheiro, 2020).

A transcendência deve ir além do imediato, conectando o que é aprendido a outros contextos e situações, incentivando o aprendiz a aplicar o conhecimento em diferentes circunstâncias, olhando não só para o agora, mas vendo a aprendizagem como algo útil para o futuro (Reuven Feuerstein, 1999 *apud* Almeida; Malheiro, 2020).

No significado, o mediador deve dar sentido ao que é ensinado, ligando o conteúdo à realidade do aprendiz, tornando o aprendiz mais interessado no assunto. Para isso, os autores afirmam que são necessários três requisitos: “1) despertar no mediado o interesse pela tarefa em si; 2) discutir com ele sobre a importância das atividades; 3) explicar a finalidade estabelecida com as atividades aplicadas.” (Reuven Feuerstein, 1999 *apud* Almeida; Malheiro, 2020, p. 10).

Na segunda base teórica, Valkenburg, Krcmar, Peeters e Marseille (1999 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021) tratam a respeito de três tipos de mediação, sendo nomeadas de: 1- Mediação Ativa (MA): na mediação ativa, pais e filhos dialogam sobre atividades *online* e conteúdos acessados, visando desenvolver o pensamento crítico das crianças e adolescentes em relação ao material *online* 2- Mediação Restritiva (MR): nessa modalidade, são estabelecidas regras sobre o uso da internet, podendo incluir restrições de tempo, local e conteúdo, sem necessariamente haver diálogo com os filhos sobre essas regras. 3- Mediação “Uso Acompanhado” (UA): já nessa proposta, um dos responsáveis fica presente durante a atividade online, mas sem discutir os conteúdos acessados.

A análise de Collier et al. (2016 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021) descobriu que a mediação restritiva tem um papel pequeno, mas estatisticamente significativo na prevenção de resultados negativos do uso da internet, especialmente em relação ao tempo gasto em tecnologias e comportamentos sexuais de risco *online*. Da mesma forma, a mediação ativa é um fator protetor contra efeitos negativos das tecnologias, como agressividade e comportamentos sexuais, mas não influenciou significativamente o tempo gasto em atividades *online*. Isso pode ocorrer porque na mediação ativa os pais se concentram no diálogo e na oferta de promover conselhos para a autocorreção e responsabilidade dos filhos

Além disso, os pais devem se concentrar não apenas em reduzir o tempo de exposição à internet, mas também em promover outras atividades importantes para o desenvolvimento, como esportes, leitura de revistas e livros (Len-Ríos; Hughes; McKee; Young, 2015 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021, p. 224-225).

Verzoni e Lisboa (2017 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021, p. 228) sugerem que:

Sejam realizadas intervenções com os pais, como o fornecimento de orientações e de psicoeducação acerca dos riscos e dos benefícios acerca do uso das tecnologias. Dessa forma, os responsáveis podem lidar de forma mais segura com os filhos, participando de sua vida virtual, porém, libertando-se de “préconceitos” e estando atentos para não agir de forma invasiva.

Embora as tecnologias ofereçam experiências enriquecedoras e facilitem a aprendizagem, também apresentam riscos de exposição para crianças e adolescentes (Spizzirri et al., 2012 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021, p. 228).

Os pais, ao entenderem os efeitos positivos e negativos das tecnologias, podem estabelecer regras apropriadas para o uso da internet, discutir escolhas de jogos e sites e até mesmo participar de atividades online com os filhos (Collier et al., 2016 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021, p. 228).

O risco de contato de crianças com desconhecidos pelas redes sociais é muito divulgado pela mídia e uma das principais preocupações dos pais. Um exemplo utilizado no artigo é de uma menina que o pai a puniu por aceitar o pedido de amizade de um desconhecido em sua rede social, mesmo essa abordagem sendo eficaz em curto prazo, destaca-se a oportunidade perdida de transformar esta

situação em uma experiência educativa sobre como lidar com riscos digitais (Livingstone, 2015; Livingstone; Helsper, 2008; *apud* Castro, 2021).

Diante desses riscos, a participação e o monitoramento dos pais são essenciais para ajudar os filhos a fazerem um uso saudável e positivo das tecnologias. Esses achados reforçam a importância de promover práticas de conscientização e esclarecimento para pais, profissionais e crianças e adolescentes sobre o uso responsável das tecnologias (Schwartz; Pacheco, 2021).

### 2.3 TIKTOK

Para compreender o que é o *TikTok*, deve-se entender o conceito de redes sociais. Segundo Zenha (2018, p. 24):

Entende-se, como Rede Social *online*, o ambiente digital organizado por meio de uma interface virtual própria (desenho/mapa de um conceito) que se organiza agregando perfis humanos que possuam afinidades, pensamentos e maneiras de expressão semelhantes e interesse sobre um tema comum.

O *TikTok* é uma plataforma de vídeos curtos criada pela empresa chinesa ByteDance, sendo uma versão ocidental do *Douyin* e uma junção ao *Musical.ly*, um aplicativo de vídeos curtos focado em dublagem de músicas, e também inspirado em outros aplicativos com mesmo foco: convidar as pessoas a serem criadoras de conteúdo (Walker, 2022).

Criado em 2016, o *TikTok* é um aplicativo muito popular entre os jovens, porém não se restringe; há vídeos de criadores de diversas idades, e conteúdos para todos aproveitarem. Com seu algoritmo e vídeos curtos viciantes, esse aplicativo pode ser considerado como o “primeiro verdadeiro sucesso tecnológico da China - o que trouxe dores de cabeça e oportunidades” (Walker, 2022, p. 21).

Inicialmente desenvolvido a partir de outras experiências como o *Toutiao*, o *TikTok* foi pensado para atender à demanda de entreter os usuários com vídeos rápidos e envolventes, com muita praticidade. Seu algoritmo, que prioriza conteúdos curtos e personalizados conforme o gosto do usuário, entrega rolagem contínua e uma experiência viciante. O que possibilitou ao aplicativo alcançar uma grande quantidade de usuários muito rapidamente, inclusive protagonizando o crescimento

exponencial que rivalizou com plataformas mais consolidadas como o YouTube (Walker, 2022).

Os vídeos no *TikTok* são em formato de retrato, com no mínimo 15 segundos e no máximo 60 segundos de duração, o que mudou em atualizações posteriores, em 2021, pois o aplicativo passou a permitir vídeos de 3 minutos. Afirmado por Da Rocha e Farias (2020 *apud* Barin; Ellensohn; Silva, 2020, p. 2) “A riqueza de informação cria pobreza de atenção [...]”. Os vídeos curtos não exigem demasiada atenção, mas fazem com que o desejo por informações novas cresçam.

Segundo Haidt (2024), existem 4 prejuízos fundamentais do uso excessivo das redes: atenção fragmentada, privação do sono, privação social e vício. Na atenção fragmentada, o adolescente tem a atenção reduzida por conta do celular, devido à rápida absorção de conteúdos; a privação do sono se refere ao adolescente reduzindo o tempo ou a qualidade do descanso noturno; a privação social em que o adolescente prefere o celular do que socializar; o vício está relacionado à liberação de dopamina, substância que provoca a sensação de prazer, no entanto, trata-se de um prazer momentâneo, o que leva o indivíduo a buscar repetidamente o mesmo estímulo, gerando dependência daquele conteúdo.

A estratégia de investir em marketing – chamando influenciadores, celebridades e promovendo o compartilhamento de conteúdo – além do foco em vídeos com música e dublagem, ajudou a solidificar a presença do *TikTok* tanto no oriente quanto no ocidente. Durante a pandemia, quando o tempo de tela aumentou drasticamente, a plataforma viu sua popularidade crescer ainda mais, inclusive como ferramenta educativa, já que seu formato atrai a atenção dos jovens e torna o aprendizado mais dinâmico e humorado (Barin *et al*, 2020).

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa em tela propõe uma abordagem qualitativa, coletando seus dados por meio de um questionário, que a princípio seria *in-locu*, porém, por conta da proibição da interrupção das aulas nas escolas estaduais, apenas foi aplicado presencialmente com os alunos das escolas: Alfa Jangada e no IFSC Câmpus Jaraguá do Sul - Centro nos cursos técnicos integrados. Para a coleta dos dados

nas escolas estaduais, foi enviado o link do questionário depois do contato com as escolas, as quais foram: E.E.B Prof. José Duarte Magalhães, E.E.B Prof Heleodoro Borges, E.E.B Holando Marcellino, E.E.B Erich Gruetzmacher, E.E.B Euclides da Cunha, E.E.B Julius Karsten. Apenas duas responderam, sendo elas a E.E.B Euclides da Cunha, e a E.E.B Julius Karsten.

Apesar das adversidades, as respostas obtidas foram satisfatórias, tendo sido possível aprofundar e extrair o melhor de cada resposta. Após a coleta de dados e a realização de uma análise preliminar, foram analisadas as respostas do questionário, com ajuda do estudo de Haidt (2024). Com a obra, a equipe elaborou um quadro de conceitos-chave para a análise dos dados coletados, buscando identificar os efeitos da falta de mediação e as possibilidades de realizá-la entre os estudantes no geral.

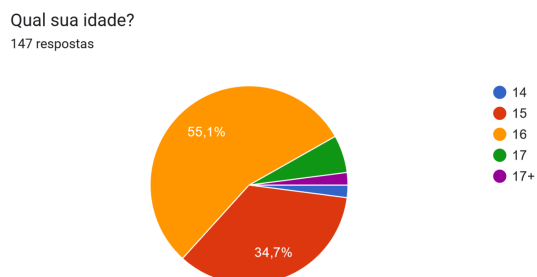
## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para uma análise mais aprofundada das respostas, a equipe dividiu as questões do questionário em quatro categorias. A primeira, caracterização dos sujeitos da pesquisa, é referente a todas as perguntas que definem e caracterizam os pesquisados. A segunda categoria, utilização do *TikTok*, refere-se às questões que abordam o uso do *TikTok*. A terceira categoria de análise, mediação recebida, abrange as perguntas voltadas à mediação recebida pelos participantes da pesquisa. Por fim, a quarta categoria aborda a mediação possível do uso do *TikTok*, tendo em vista as discussões de Haidt (2024).

### **4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA**

Relacionadas à caracterização dos sujeitos da pesquisa, o grupo elaborou três questões, sendo elas: “Em que escola você estuda?”, “Qual sua idade?” e “Com quem você mora?”. A partir dessas perguntas, foi possível compreender as características dos respondentes e suas particularidades.

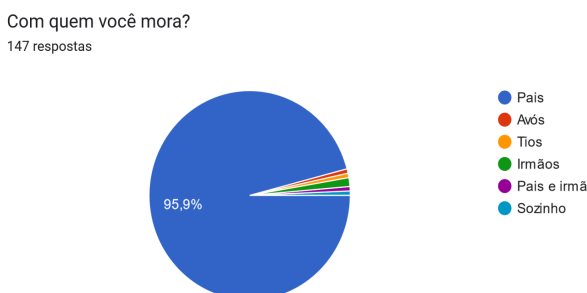
**Figura 1:** Gráfico relacionado à idade dos respondentes.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se que 89,8% dos participantes da pesquisa possuem entre 15 e 16 anos de idade, que segundo Outeiral (2003), seria a fase da adolescência média, em que o indivíduo começa a formação de sua sexualidade. Chama atenção, no entanto, que 8,1% dos estudantes possuem pelo menos 17 anos de idade, o que não é comum no primeiro ano do Ensino Médio. Além disso, 2% possuem 14 anos de idade.

**Figura 2:** Gráfico relacionado com quem o respondente reside.



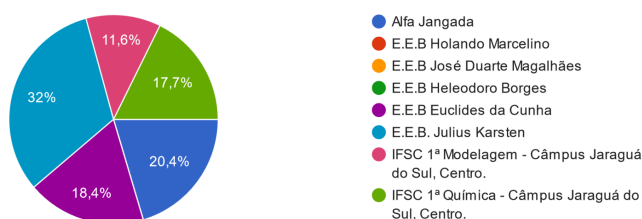
Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se também que 95,9% do total de respondentes reside com os pais, pois ainda são dependentes deles, mesmo que exista uma relação conflituosa entre os filhos que querem ser independentes e os pais que não querem perder o controle sobre eles (Bock, 2007). Enquanto os 3,4% restantes moram com demais parentes.

Apenas um aluno (0,7%) afirmou morar sozinho. Relacionando os fatores de idade com os fatores de com quem o respondente reside, pode-se perceber que grande parte daqueles que responderam são adolescentes que residem com seus pais. Segundo Bock (2007), a relação entre pais e filhos nessa fase é conflituosa, pelo fato de ser uma fase em que o jovem busca uma “libertação” das asas de seus responsáveis. O que dificulta assim a interação para que haja alguma mediação de uso de redes.

**Figura 3:** Gráfico relacionado a escola em que os respondentes estudam.

Em que escola você estuda?  
147 respostas



Fonte: Elaborada pelos autores.

Perante a análise das escolas, nota-se que houve maior registro de estudantes na escola E.E.B Julius Karsten, sendo equivalente a 32% do total das respostas. Nas escolas Alfa Jangada e E.E.B Euclides da Cunha houve percentuais próximos, sendo de 20,4% e 18,4%, respectivamente. O restante do percentual foi registrado nas turmas da 1ª Química (2024.2) e 1ª Modelagem (2024.2) do IFSC.

Dessa forma, conclui-se que o maior percentual dos pesquisados estudam em escolas públicas e possuem entre 15 e 16 anos. As respostas que chamam mais atenção são justamente a porcentagem de alunos com pelo menos 17 anos e o fato de haver um estudante que reside sozinho. Além disso, é nessa fase da vida que acontecem a maior parte das mudanças corporais e psicológicas, construindo uma personalidade única para cada indivíduo.

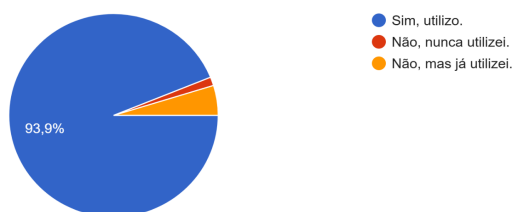
## 4.2 UTILIZAÇÃO DO TIKTOK

O objetivo, nesta etapa, foi entender quantos estudantes, em porcentagem, estão, já estiveram ou nunca entraram em contato com o *TikTok*, em uma busca por saber as motivações das pessoas e consequências enfrentadas pelo uso ou desuso

do aplicativo, com o recebimento ou não de mediação. Por isso, foi de grande relevância perguntar quanto tempo era gasto no aplicativo, a fim de compreender se esse tempo gasto influenciava as ações da pessoa no cotidiano em geral. Além disso, foi necessário entender se o jovem criava conteúdo para a plataforma ou se decidiu parar de usá-la e por quais motivos. Caso não o utilize atualmente, foi preciso entender se sente falta ou tem vontade de utilizar o *TikTok* e se tem uma impressão geral sobre o aplicativo.

**Figura 4:** Gráfico relacionado a utilização do *TikTok*.

Você utiliza redes sociais de vídeos curtos?  
147 respostas

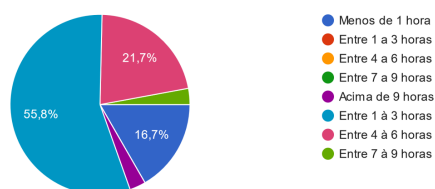


Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao analisar as respostas inicialmente, percebe-se que grande parte utiliza o *TikTok* e outras redes sociais de vídeos curtos (93,9%), enquanto em menor quantidade temos aqueles que não utilizam atualmente, mas já utilizaram (4,8%) e alguns que nunca utilizaram (1,4%).

**Figura 5:** Gráfico relacionado a média de tempo de tela.

Em média você passa quanto tempo do seu dia utilizando o TikTok (Ou redes de vídeos curtos, Shorts, Reels, etc.)? Se possível veja nas configurações do seu celular.  
138 respostas

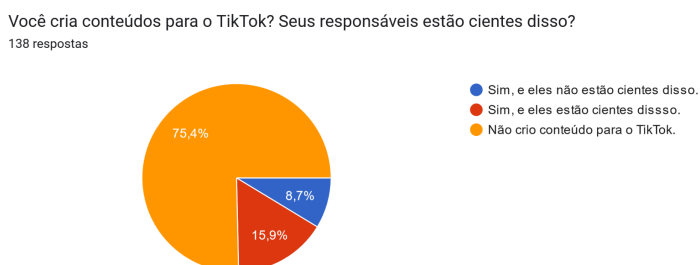


Fonte: Elaborada pelos autores.

Observando esses resultados, pode-se perceber que grande parte dos jovens, que utilizam redes sociais de vídeos curtos, passam em média de 1 a 3 horas nesses aplicativos, com casos que chegam a 9 horas por dia. Aqui,

percebe-se a relação que a nova geração de jovens tem com as redes sociais, uma conexão diária e de longa duração, o que, segundo Haidt (2024), inicia de forma antecipada, em uma etapa importante da vida do indivíduo. O tempo de uso de tela mostra o quanto esses jovens foram afetados pelas redes e vídeos curtos, e por muitas vezes trocaram interações sociais e um sono de qualidade para passar um tempo maior nas telas. O algoritmo tem um grande papel nesse quesito, pois os convence que estão recebendo informações úteis e que se parassem, estariam perdendo tendências e se distanciando das outras pessoas (Haidt, 2024).

**Figura 6:** Gráfico relacionado a criação de conteúdo.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Em questão de criação de conteúdo, muitos responderam que não produzem (75,4%), apenas assistem, porém enquanto alguns responderam que criam com o consentimento ou ciência dos pais (15,9%), outros responderam que não tem esse supervisionamento (8,7%). Essa informação acarreta a condição de que os jovens acessem as redes e se comuniquem por elas, e como é difícil entender ou controlar esse acesso.

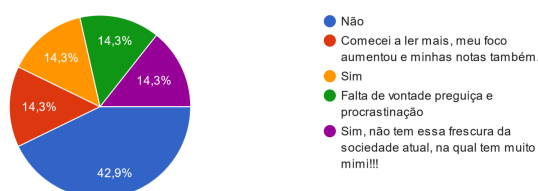
Por meio da questão “Você vê alguma influência do conteúdo que você consome no TikTok no seu cotidiano? Se sim, quais?” é possível notar que os pesquisados aparentam ser influenciados em seu cotidiano pelo que veem no aplicativo, considerando a quantidade de respostas afirmativas e que demonstram a existência de conteúdos que os atraem e muitas vezes os influenciam, como diz uma pessoa que respondeu o questionário: “Sim, em todos os aspectos da minha vida, como no estilo, na fala, no humor, nas coisas que consumo, como maquiagem e produtos de skin care”.

Para os que não utilizam atualmente, as razões foram a percepção sobre como a plataforma atrapalhava suas atividades no dia a dia, ou a limitação do uso.

Algumas melhorias após pararem de utilizar o aplicativo se apresentam: “Comecei a ler mais, meu foco aumentou e minhas notas também”.

**Figura 7:** Mudanças nos hábitos dos respondentes.

Você percebeu alguma mudança nos seus hábitos quando parou de utilizar essas redes? Se sim escreva quais na sessão "outros".  
7 respostas



Fonte: Elaborada pelos autores.

Já para os que não utilizam, estes apenas não procuraram o ter, com uma impressão neutra ou negativa sobre a plataforma e sem a aparente vontade e interesse ao uso, mesmo com pessoas próximas utilizando normalmente o *TikTok*. Por fim, analisar essas diferenças entre os tipos de uso das redes leva à discussão de como os jovens gastam seu tempo online, em contraste com aqueles que preferem usar o tempo para realizar outras atividades, e a relação com vídeos de curta duração e sistemas de rolagem viciantes. Nesse contexto, destaca-se o impacto de vídeos curtos e de sistemas de rolagem contínua, mecanismos desenhados para capturar a atenção e promover hábitos de consumo recorrente de conteúdo (Walker, 2022).

Esse uso prolongado pode ser prejudicial à saúde mental, embora seja difícil de controlar. Como demonstrado por Haidt (2024), mesmo com tentativas de proteção por parte dos pais, muitos jovens acessam livremente a internet. Suas pesquisas revelam uma forte correlação entre o vício digital e os algoritmos sofisticados das plataformas, que personalizam incessantemente o conteúdo para maximizar o engajamento.

Entre os participantes da pesquisa que deixaram de usar o *TikTok*, muitos relataram dificuldade em se adaptar à ausência dos vídeos, evidenciando um certo grau de dependência. Em contrapartida, aqueles que nunca tiveram contato

prolongado com a plataforma disseram sentir-se confortáveis sem ela, o que reforça a hipótese de que a exposição contínua contribui na formação de hábitos diários.

### 4.3 MEDIAÇÃO RECEBIDA

Observou-se que, nas respostas analisadas, a maioria dos alunos não recebeu mediação quanto ao uso correto do *TikTok*; apenas 6,5% dos estudantes receberam orientações sobre como utilizar a plataforma.

**Figura 8:** Gráfico relacionado a mediação do *TikTok*.

O tempo que você passa e o conteúdo que você consome é controlado de alguma forma pelos seus responsáveis. Se sim, explique como em "outros"

138 respostas



Fonte: Elaborada pelos autores.

Quando houve mediação, ela não partiu dos responsáveis, mas principalmente de amigos ou da própria plataforma. Isso fica evidente nas respostas dos estudantes que disseram ter recebido algum tipo de mediação. Ao serem questionados sobre quem havia desempenhado esse papel, mencionaram, por exemplo: “o próprio TikTok, alguns amigos e psicólogos” ou “minha amiga”.

Verificou-se ainda que, em sua maior parte, os responsáveis não demonstram preocupação em realizar essa mediação, sendo comum que não acompanhem as atividades dos estudantes nos dispositivos móveis, e os que acompanham, em sua maioria, controlam apenas o tempo de tela, não o conteúdo consumido, o que remete à mediação restritiva descrita por Valkenburg *et al.* (1999 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021), que demonstra pouca eficácia a efeitos negativos profundos nos adolescentes.

Com base em Haidt (2024), durante a infância desses alunos, os responsáveis não tinham consciência dos problemas que o uso desregrado dos dispositivos poderia causar. É mostrado que, durante a infância dos estudantes, os responsáveis desconheciam os riscos do uso excessivo de dispositivos, o que

dificultou que ocorresse uma mediação adequada, ocasionando então uma geração pouco orientada sobre o uso consciente das redes sociais, evidenciando a importância da formação digital dos pais, conforme defendem Verzoni e Lisboa (2017 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021, p. 228). Além disso, eles acreditavam que esses aparelhos eram mais seguros do que as interações físicas, embora hoje essa percepção se mostre equivocada, diante do aumento de transtornos mentais entre os jovens.

Ademais, os alunos reconheceram a importância da mediação, embora não acreditem que ela alteraria significativamente a forma como consomem o conteúdo da plataforma, mostrando uma falta de intencionalidade e reciprocidade, onde os seus responsáveis deveriam ser os principais agentes mediadores, em uma aprendizagem mediada como proposto por Reuven Feuerstein (1999 *apud* Almeida; Malheiro, 2020). Já que, segundo o autor, o mediador precisa promover um envolvimento ativo com ele, além de ajudá-lo a construir o significado para a restrição, bem como orientá-lo no processo de transcendência, o que não aconteceu com os respondentes do questionário.

Isso é perceptível quando se analisa algumas respostas sobre o recebimento da mediação e se ela mudaria seu modo de utilizar o *TikTok*, como é visto nas seguintes respostas: “Não recebi orientação, e acho que isso não afetou em nada a minha experiência com o aplicativo já que uso apenas para assistir vídeos.”, “Não recebi orientações e acho que se tivesse recebido, a minha experiência no Tik Tok seria a mesma.” ou “Não sei como seria, iria depender das informações recebidas também, mas acho que não seria muito diferente de como uso atualmente, talvez usaria a plataforma com menos frequência, continuaria tendo atenção em relação às notícias falsas que encontram-se na plataforma, e usar a plataforma com conteúdos que ajudam no conhecimento e crescimento pessoal”.

Ao contrário dessas percepções dos usuários, Haidt (2024) aponta diversos impactos tanto mentais como físicos à saúde dos adolescentes, por exemplo, o isolamento social, a maior probabilidade de desenvolver problemas mentais como depressão e/ou ansiedade, a privação do sono, a diminuição da capacidade de manter o foco e a vulnerabilidade para vícios.

#### 4.4 MEDIAÇÃO POSSÍVEL DO USO DO *TIKTOK* E DO CELULAR

Segundo Haidt (2024), os efeitos causados pelo uso excessivo das redes sociais, especialmente do *Tiktok*, são alarmantes. Apesar das evidentes consequências, apenas 6,5% dos respondentes do questionário afirmaram ser mediados de alguma forma, e essa mediação, na maioria das vezes, é voltada apenas ao controle do tempo. Como é possível, então, mediar o uso do *Tiktok* de forma que esses efeitos sejam minimizados?

A mediação pode ser definida, de acordo com o dicionário Houaiss, como uma ação ou um ato de mediar/auxiliar como intermediário entre grupos ou pessoas (Almeida; Malheiro, 2020). Essa ação (ou intervenção) não depende de um único fator: ela é resultado de medidas coletivas. Para Haidt (2024), além da ação dos pais, as escolas, as empresas de tecnologia e os governos são responsáveis por diminuir as consequências do uso das redes sociais.

Por meio dos dados coletados pela equipe, verificou-se que, dos 147 respondentes, 95,9% residem com os pais, o que faz deles, nesse contexto, os principais mediadores desses jovens em potencial. Valkenburg, Krccmar, Peeters e Marseille (1999 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021) afirmam haver três tipos de mediação: Mediação Ativa (MA), Mediação Restritiva (MR) e Mediação “Uso Acompanhado” (UA). A mediação parental das mídias tende a ser mais eficaz quando os pais se envolvem ativamente, ajudando a selecionar os sites e monitorando as atividades *online* dos filhos. Apenas estabelecer restrições ou proibições não têm se mostrado tão eficientes na orientação do uso da internet pelas crianças. É importante destacar que a mediação parental deve ser feita com base na faixa etária e etapa da vida do adolescente. Além disso, para que a mediação seja eficiente, os pais precisam compreender melhor os potenciais desse tipo de tecnologia, seus efeitos e as atividades que podem substituí-las. A simples restrição não se configura como um processo eficaz, pois costuma não ser carregada de significado e, por isso, não promove transcendência (Lee; Chae, 2007 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021, p. 224).

As escolas, por sua vez, para Haidt (2024), devem proibir o uso dos celulares e promover o brincar livre. No Brasil, a Lei Federal nº 15.100/2025, em vigor desde o

início deste ano, proíbe o uso do celular e demais aparelhos eletrônicos nas escolas públicas e privadas, com o objetivo de garantir a saúde física e mental das crianças e adolescentes (Brasil, 2025). Essa proibição, no entanto, não deve ser limitada ao tempo de cada aula, e sim ser feita durante todo o dia. Para o autor, a proibição deve ser implementada juntamente com o brincar livre, pois assim os alunos saem do mundo virtual para viverem o mundo real. No caso dos adolescentes, os intervalos devem ser ampliados, pois assim eles podem socializar e ter interações fora das redes, além de terem um descanso maior entre as aulas (Haidt, 2024).

Tendo em vista que as empresas de tecnologia apresentam um design que prende os usuários nas redes sociais por mais tempo sem que haja preocupação com as consequências disso, Haidt (2024) afirma ainda que deveriam ser criadas leis para alterar e controlar as decisões de design das plataformas, como a que foi promulgada no Reino Unido, a *Age Appropriate Design Code* (Código de design adequado à idade), ou AADC, que responsabiliza as empresas quanto à maneira que tratam menores de idade. Além disso, o autor acredita ser extremamente necessário elevar a maioridade na internet de 13 para 16 anos; para isso, seria necessário facilitar a verificação de idade.

Por fim, para distanciar os adolescentes das telas e aproximá-los do mundo real, o autor afirma que os governos precisam parar de punir os pais por darem liberdade aos seus filhos, melhorando e esclarecendo as leis de negligência, e aumentar a oferta da formação técnica e de programas de jovem aprendiz, que auxiliam na transição do ensino médio para o mercado de trabalho e desenvolvem habilidades práticas (Haidt, 2024).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o tipo de mediação que os adolescentes do primeiro ano do Ensino Médio da rede pública e privada de Jaraguá do Sul recebem ou receberam em relação ao uso do *TikTok*. Com base na análise dos dados coletados por meio da aplicação de questionários, pode-se confirmar ou refutar as hipóteses previamente formuladas.

A primeira hipótese afirma que “os estudantes, em sua maioria, não recebem a mediação necessária para acessar redes sociais, como o *TikTok*.” Ela se confirma, uma vez que 93,9% dos estudantes são usuários de plataformas como o *TikTok* e/ou outras plataformas de vídeos curtos, porém apenas 6,5% desses receberam orientações sobre como utilizar essas redes sociais.

A segunda hipótese projeta que “os estudantes que recebem maior mediação em relação ao uso do *TikTok* sofrem menos com as consequências geradas pela rede” embora não tenhamos investigado essa hipótese através do questionário com os estudantes, esta se confirma por meio da literatura especializada, tendo em vista que, a adoção de estratégias pelos pais para monitorar e acompanhar o uso da internet pelos filhos pode contribuir para a redução de comportamentos de risco no ambiente online. (Livingstone; Helsper, 2008 *apud* Schwartz; Pacheco, 2021)

A terceira hipótese diz que “os estudantes não têm uma mediação adequada da família, pois os próprios familiares não entendem a necessidade, já que também não foram mediados em relação ao seu uso”. Segundo Haidt (2024), pode-se perceber que, em sua maioria, os responsáveis tendem a pensar que o mundo digital apresenta riscos menores do que o mundo físico, porém o celular apresenta maiores perigos para a criança que o brincar livre, que seria muito mais importante para o seu crescimento.

Por fim, a última hipótese traz que “há adolescentes que sofrem um controle parental extremo em relação ao uso das redes, privando-os não só da interação nas redes sociais, mas também do desenvolvimento de sua autonomia.”. Analisando os dados coletados, é possível perceber que grande maioria dos adolescentes (93,5%) não recebem mediação em relação ao uso do *TikTok*, o que leva a entender que não sofrem um certo tipo de controle em relação ao uso das redes, mas o restante dos adolescentes que recebem algum tipo de mediação, afirmam que esse controle é feito através de aplicativos de controle parental, ou então os pais controlam o tempo que os filhos podem passar consumindo essas redes.

Em relação à autonomia do indivíduo, no gráfico da figura 7, relacionado à mudança de hábitos com a utilização das redes, 42,9% dos adolescentes afirmam que não possuem mudanças de hábitos quando consomem os conteúdos apresentados, já o restante dos adolescentes comentam que quando pararam de

utilizar as redes, o seu foco aumentou, diminuíram a procrastinação e até mesmo suas notas na escola aumentaram.

Ao investigar como ocorre a mediação no *TikTok*, foi possível perceber que orientações são essenciais para um bom aproveitamento dos adolescentes em relação às redes de vídeos curtos, porém esta ainda é muito escassa. A falta de uma mediação adequada pode ocasionar sérios problemas mentais nos usuários dessas redes.

Com a análise de diversos dados da pesquisa, percebeu-se que a mediação em relação ao uso dessas redes é muito baixa, já que grande parte dos responsáveis nem sequer busca saber o que o jovem consome nas redes. Analisou-se que a grande maioria daqueles que usam as redes normalmente recebem mais mediação de outras formas do que necessariamente de seus responsáveis. E que com isso tem ciência dos problemas que o mau uso de tais redes pode ocasionar em sua vida.

Com isso, os seguintes temas poderiam suscitar pesquisas futuras, como: o efeito da mediação na saúde mental dos jovens; a percepção e conhecimento que os pais têm em relação a rede social do *TikTok*; como a escola pode ser um agente mediador.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Willa Nayana Corrêa; MALHEIRO, João Manoel da Silva. A aprendizagem mediada de Reuven Feuerstein: uma revisão teórico-conceitual dos critérios de mediação. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 30, p. 1-22, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3073/1616..> Acesso em: 24 set. 2024.
- BARIN, Cláudia Smaniotto; ELLENSOHN, Ricardo Machado; SILVA, Marcelo Freitas. O uso do TikTok no contexto educacional. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Caçapava do Sul, v. 18, n. 2, dez, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/110306/60059>. Acesso em: 01 jul. 2024.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A Adolescência como Construção Social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. [s.l.], v. II, n. I, 63-67, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkZzRzQ5YgbmhcnkKzVq3x/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 02 maio 2024.
- BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. **Subchefia para Assuntos Jurídicos**, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 02 maio 2024.
- BRASIL. Lei nº 15100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. **Secretaria Especial para assuntos Jurídicos**, Brasília, 14 jan. 2025. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm) Acesso em: 25 mar. 2025.
- CASTRO, Teresa Sofia. "Cuidado com quem Você Fala na Internet": Mediação Parental Pelo Olhar de Pré-Adolescentes. **SciELO - Scientific Electronic Library Online**, Lisboa v. 41, n. 113, p.4-13 Jan-Abr., 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WwjJPgxhK3Mf5Vg4zzTSDfJ/?lang=pt>
- HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 440 p.
- MACHADO, Saul Brito de Assis. **A Influência do TikTok no Desenvolvimento Psicossocial do Adolescente**. Centro Universitário Doutor Leão Sampaio Curso de Graduação em Psicologia. Juazeiro do Norte, CE, 2023. Disponível em: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1641.pdf>

OSORIO, Luiz Carlos. **Adolescente Hoje**. Rio Grande do Sul: Artmed, 1989.

OUTEIRAL, José. **Adolescer, Estudos Revisados sobre Adolescência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

SCHWARTZ, Fernanda Tabasnik; PACHECO, Janaína Thais Barbosa. Mediação Parental na Exposição às Redes Sociais e a Internet de Crianças e Adolescentes. **Redalyc**, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA, Porto Alegre, RS, v. 21, n. 1, Janeiro-Abril de 2021. p. 217-235. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4518/451870070012/451870070012.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

WALKER, Chris Stokel. **TikTok Boom: Um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais**. Rio de Janeiro: intrínseca. 1. ed. 304 p. 2022.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 49, p. 19-42, 27 mar. 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809/1541>. Acesso em: 27 abr. 2024